

O CULTO A NOSSA SENHORA DE FÁTIMA  
NA ANTIGA ÁFRICA OCIDENTAL FRANCESA

SANCHES, José Dias, "O culto a Nossa  
Senhora de Fátima, na Antiga  
África Ocidental Francesa,, em  
Nossa Senhora de Portugal - No cin-  
quantesimário das Aparições, Lisboa,  
s. l. [Autor], 1967, p. 155-165.

fig. 5. Senegal  
Dakar



AO chegarmos a Dacar, em Abril de 1951, a fim de ocuparmos o cargo de Cônsul de Portugal naquela cidade, fomos procurados pelos principais elementos da nossa colónia ali residente, ao apresentarem seus cumprimentos. Ao tempo, essa colónia, devia compor-se de uns vinte mil indivíduos, oriundos não só da metrópole, como principalmente de Cabo Verde, exercendo diversas actividades naquele vasto território francês.

Então, um grupo de Senhoras, informou-nos que a devoção a Nossa Senhora de Fátima, naquela cidade, era grande, não só por parte dos portugueses, como também pelos franceses, o que justificava ali a presença de uma imagem, a fim de se prestar culto à Mãe de Deus que, em Fátima, falou aos três pastores da Serra de Aire.

Depois de organizada uma comissão que tratou de angariar donativos para a aquisição da imagem, foi escolhida uma, entre diversas propostas apresentadas, cujo transporte de Lisboa para Dacar, foi gentilmente cedido pelo então Director da C.U.F. num dos navios daquela empresa, o qual faria escala por aquele porto.

Logo que comunicámos o ocorrido ao Arcebispo da África Ocidental Francesa, Monsenhor Marcel Lefebvre,



espírito cultíssimo, dotado de profundos sentimentos religiosos, mostrou-se deveras entusiasmado por tão luminosa ideia, oferecendo, desde logo, uma capela lateral, da catedral de Dacar, então por concluir, para o culto a Nossa Senhora de Fátima.

As obras de conclusão da referida capela, importavam em avultada quantia, segundo orçamentos apresentados, e como não houvesse dinheiro para aquelas obras, resolveu-se, entre os portugueses, ali residentes, que todos dariam a sua quota parte, no sentido de se realizarem as obras, num gesto de verdadeira solidariedade e de sincero sentimento religioso.

Ali, em cada português, longe da Terra Mãe, ardia a chama sagrada da Pátria, aliada a uma fé cristã, deveras emocionantes. Quantas vezes tivemos a suprema felicidade de verificar esses nobres sentimentos, desde os mais humildes, que para ali foram em busca de melhores dias, até aos mais bem colocados na vida social daquela cidade cosmopolita.

A «irrupção do sobrenatural» produzida em Fátima, como se expressou Paul Claudel, deu-se por toda a orbe, conduzindo as almas para a renovação da cristandade, cujo fenómeno se verificou também ali entre a nossa colónia.

Como exemplo, tratámos de executar um grande quadro a óleo, representando uma das aparições de Nossa Senhora de Fátima aos humildes pastores, para ser colocado na mencionada capela. Operários de todas as especialidades, cooperaram naquela simpática obra, en-

quanto que, outros portugueses, ofereciam materiais de construção, paramentos, objectos litúrgicos, etc.

A ideia germinara e resplandecera, sob os mais auspiciosos vaticínios, até que se convertera em realidade, apreciada por todos, que revelava também, obra prodigiosa erguida pelo auxílio da Mãe de Deus.

Em 10 de Maio de 1952, o jornal «Afrique Nouvelle», impresso naquela cidade, dava grande relevo às solenidades religiosas que se iriam realizar ali, por ocasião da inauguração da nova capela de Nossa Senhora de Fátima, cujo programa era o seguinte: 12 de Maio, às 21 horas e 30: grande procissão das velas em volta da Catedral, seguindo-se um sermão, em português, por Sua Ex.<sup>a</sup> Reverendíssima o Perfeito Apostólico de Bissau, D. José de Magalhães; 13 de Maio às 10 horas: Missa pontifical, celebrada por Sua Excelência Reverendíssima D. José de Magalhães, proferindo um sermão o Arcebispo da África Ocidental Francesa, Monsenhor Lefebvre; seguindo-se a intronização solene da imagem de Nossa Senhora de Fátima na respectiva capela.

A estas solenidades, assistiram os Guardas Marinhas e toda a oficialidade e praças do aviso «Afonso de Albuquerque», que fora a Dacar, propositadamente, para tomar parte naquelas festividades religiosas, tendo sido autorizado que a força dos marinheiros se apresentasse com o respectivo armamento, bandeira e fanfarras.

Naquela noite, foi exibido um filme sobre as províncias portuguesas do ultramar, gentilmente cedido, pela Agência Geral do Ultramar, tendo o erudito Professor



Mouni, proferido brilhante conferência sobre a primeira passagem dos portugueses na África Ocidental.

Esta festa, celebrou-se na Sala de Honra, do Instituto Francês da África Negra, que estava repleto de numerosa assistência.

Como os portugueses, residentes em Dacar, nos manifestassem vontade de que a procissão das velas percorresse algumas ruas da cidade, avistámo-nos com o Alto Comissário em Dacar, Monsieur Cornut Gentill, a quem apresentámos aquela sugestão, pedindo-lhe respectiva autorização, ao que, nos respondeu que seria perigosa tal manifestação pelas ruas, onde a maior parte dos habitantes professava a religião maometana. Disse-nos também que não assumiria a responsabilidade por qualquer desacato praticado pelos indígenas. Talvez que, confiados na nossa fé, respondemos-lhe que, nada de anormal se iria passar, em virtude de tratar-se de uma cerimónia de carácter espiritual, cujo sentimento anda arraigado à maior parte daqueles povos, apesar de professarem outras religiões. Assim sucedeu: A procissão saiu da Catedral, com o maior respeito, seguindo-se numerosa assistência que rodeava o andor onde ia a imagem de Nossa Senhora, engalanada de flores. À frente viam-se as bandeiras de Portugal e de França, seguindo-se um estandarte com a reprodução da aparição da Mãe de Deus aos pastorinhos. Os nossos marinheiros e guarda marinhas, ladeavam o andor, e na retaguarda seguia o Cônsul de Portugal com a oficialidade do Aviso Afonso de Albuquerque, representante do Alto Comissário e outras entidades francesas, civis e militares.



ASPECTO DA PROCISSÃO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA EM DACAR NA NOITE DE 12 DE MAIO DE 1952



A noite fazia brilhar, com intensidade, as luzes das velas, transportadas, por milhares de fiéis que se incorporaram naquela manifestação de fé. Os indígenas, de olhares absortos por tão deslumbrante espectáculo, descobriam as cabeças, e alguns curvavam-se, perante a passagem da imagem branca, de mãos postas, ensinando a rezar. Outros, num ímpeto de conversão irreprimível, arranjaram velas e incorporaram-se na procissão com o maior respeito.

Este espectáculo, impressionante e nunca visto em Dacar, teria influído profundamente, no íntimo de tantas almas, pelo que se verificou avultado número de conversões, não só de protestantes europeus, como até de indígenas afeitos a outras crenças religiosas.

A nós, se dirigiram inúmeras dessas pessoas, confessando a revelação em Cristo, que aquela cerimónia proporcionou, pela sua gradiosidade, pela lição que os portugueses davam naquele momento, pela fé comunicativa que, desde então, lhes iluminara as almas.

Toda a Imprensa local se referiu, em termos elogiosos, àquela cerimónia, pelo que citamos parte de um artigo publicado na «Afrique Nouvelle» do dia 17 de Maio, subordinado ao seguinte título: — «Les Portugais de Dakar ont fête splendidement N. D. de Fatima: — Il y a 35 ans, le 13 mai 1917, la Saint Vierge apparaissait à Fatima à trois petits bergers purs et pieux: Lucia, Hyacinthe et François. D'autres apparitions et des prodiges innombrables devaient suivre cette première manifestation de la Mère de Dieu. Nos lecteurs en suivront l'histoire, dont nous commençons aujourd'hui la publication.



C'est un honneur incomparable pour le Portugal (comme ce fut un honneur pour la France à Lourdes, à la Salette, à Pontmain) d'être cette où Marie posa son pied virginal, d'être ce peuple jugé digne de recevoir le message céleste et de diffuser dans le monde.

Aussi comprend-on M. José Dias Sanches, consul du Portugal à Dakar, d'avoir voulu marquer d'une manière solennelle et durable le 35 anniversaire de ces événements. Il a offert à cette occasion, à la Cathédrale du Souvenir Africain, une chapelle dédiée à N. D. de Fatima. La remise solennelle en fut faite à Mgr. Lefebvre, Délégué apostolique pour l'Afrique Française et vicaire apostolique de Dakar, lundi 12 au soir et mardi 13, en présence de Mr. Guibert, auxiliaire de Dakar, de Mgr. Dom José Magalhães, évêque de Bissau (Guinée portugaise), de M. le capitaine Galeão Roma, commandant le croiseur-avisos «Alphonso de Albuquerque», venu spécialement mouiller au port pour cette solennité. Tout le clergé local et une foule considérable de Portugais du Sénégal se pressaient dans la cathédrale trop étroite: marque de dévotion à la Vierge de Fatima, désir également de manifester l'amitié franco-portugaise.

Mardi soir eut lieu dans la nuit la grande procession aux flambeaux: Elle sortit par le portail de la façade, tourna à gauche sur l'avenue de la République, prit l'avenue Jean-Jaurès, la rue Kléber et revint par l'avenue Maginot. En tête, derrière la croix, étaient portés des étendards aux couleurs de la France et du Portugal.

Celle-ci avançait lente et resplendissante au-dessus de la foule, portée par les membres de la Confrérie re-

centement fondée sous son vocable et qui revêtait pour la première fois son costume distinctif: soutanelle blanche, camail bleu, gants blancs.

Les marins du «Alphonso de Albuquerque» marchaient de chaque côté, faisant garde d'honneur à la statue.

Suivaient immédiatement: M. Bole, attaché diplomatique auprès de M. le Haut-Commissaire; M. le Consul du Portugal; le colonel Wattel, chef du cabinet militaire de M. Cornut Gentile; le capitaine Galeão Roma et ses officiers. Enfin venait le clergé: Mgr. Dom José de Magalhães, S. Ex.<sup>a</sup> Mgr. Guibert et S. Ex.<sup>a</sup> Mgr. Lefebvre, entourés de nombreux missionnaires. Une foule considérable, qu'on peut évaluer à trois ou quatre mille personnes, précédait et suivait le cortège, portant un flambeau à la main et chantant avec dévotion, sinon avec ensemble, des Ave Maria sans fin. Nul n'oubliera, sur la fin de la procession, cette marée d'hommes et de lumières montant vers la cathédrale et s'y engouffrant à la suite de la Vierge et de son cortège...

Une allocution fut alors prononcée en portugais par Mgr. Magalhães. Un cantique encore dans cette belle langue, si chaude, si musicale, puis chacun se retira: la grande cérémonie était pour le lendemain.

A 9 h. 30, le mercredi, Mgr. l'évêque de Bissau célébra la messe pontificale. L'équipage portugais rendait les honneurs, baïonnette au canon. A l'élévation sa trompette fit entendre la sonnerie «Toque de continencia», a tandis que les matelots présentaient les armes. Dans



le choeur l'étendar de l'avis fut porté haut durant toute la cérémonie.

Dans son allocution Mgr. Lefebvre tint à remercier M. le Consul et les marins portugais du geste de foi qu'ils avaient fait en organisant ces fêtes religieuses et en y prenant part sans respect humain. Il exprima le voeu que la France prenne exemple.»

Chacun a remarqué d'autre part (et il faut le souligner) l'attitude des officiers et des matelots durant l'office religieux: des hommes sous les armes, mais aussi des hommes qui priaient. Ils ont de qui tenir, il est vrai. On ne peut manquer ici la grande figure du Président Salazar, auquel le Portugal moderne doit sa prospérité: homme de gouvernement, homme de justice, ami des pauvres et grand réalisateur social. Cet homme, dont la modestie n'excite ni les ovations des foules ni le bruit de la grande presse, ne craint pas de prendre pour guides l'Evangile et les enseignements pontificaux. Il fait sans éclat le bonheur de son pays: il est veneré de ses subordonnés et, par-dessus tout, il est aimé du peuple.

Après la messe, la statue de N. D. de Fatima fut portée en procession dans la chapelle qui lui est réservée, la première à droit en entrant dans la cathédrale. L'autel, les vitraux et toute la décoration intérieure en sont dus à la colonie portugaise. Signalons en particulier le grand tableau représentant l'apparition du 13 Mai 1917: c'est l'oeuvre de M. le Consul en personne, aussi grand artiste qu'il est homme d'action et grand chrétien.

D'un mot, S. Ex.<sup>a</sup> Mgr. Lefebvre résuma les leçons de ces solennités mariales: «Il faut que la Sainte Vierge

soit reine de nos coeurs, de nos corps, de notre pays, du monde entier.»

Hoje, aquela capela, continua a representar um oásis no meio do deserto, onde os crentes vão orar à Virgem Maria, confiando-lhe os pecados e pedindo a sua graça, a sua protecção, como meio eficaz para o encontro com Deus.

Os portugueses residentes em Dacar e seus arredores, viram seus sonhos realizados, porque convergiram todos os esforços num único sentido: o de elevar ali, em terra estranha, o culto à Virgem Maria a qual, no século XX, surgiu em Fátima, Terra de Santa Maria, derramando luz, do seu coração, sobre o Mundo; Mundo que sofre, que luta pela sua libertação, Mundo de Cristo; Mundo que quer a paz, para que os homens vivam um Mundo melhor, um Mundo de Deus.